

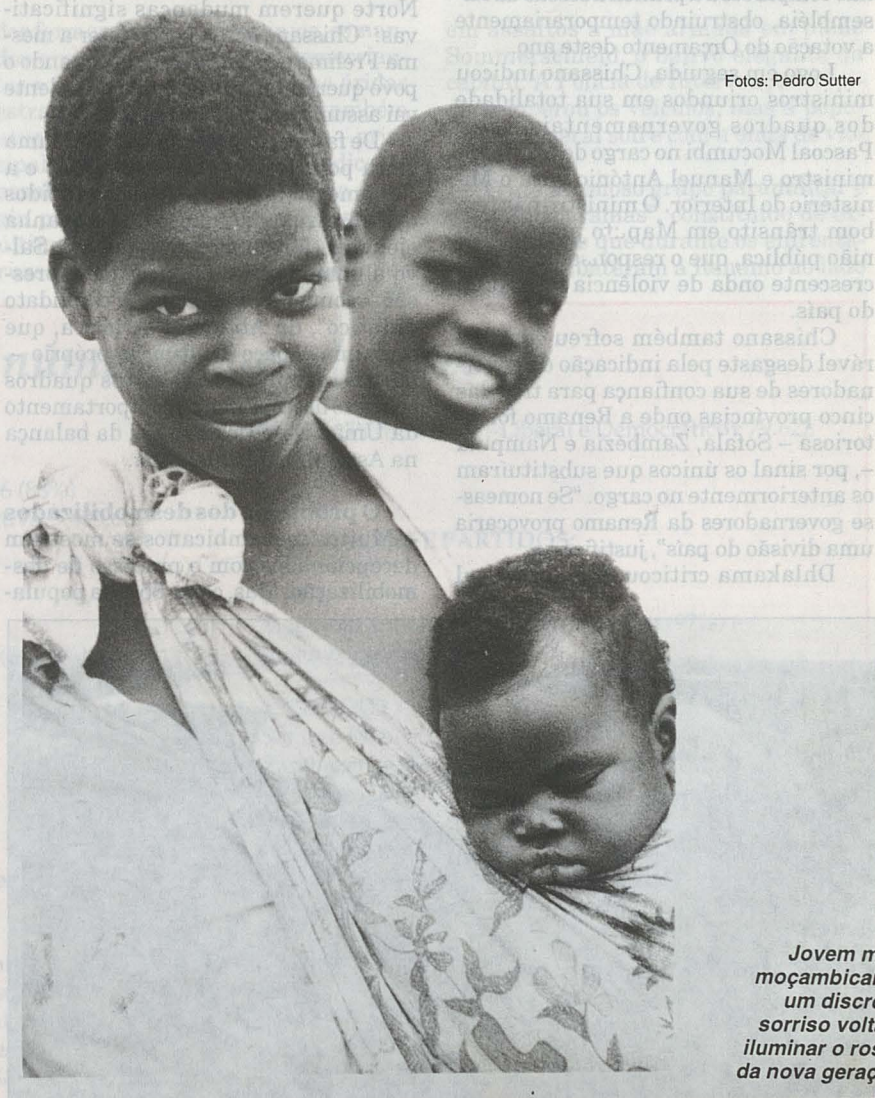
Um país encontra seu caminho

Após 16 anos de guerrilha contra os portugueses, 17 de guerra civil e dois anos de negociações internas, Moçambique retoma o caminho da liberdade, do desenvolvimento, da democracia e principalmente da paz, patrocinada pela bem-sucedida missão das Nações Unidas, a Onumuz

Pedro Sutter

O ano de 1994 foi talvez o mais importante da história deste jovem e sofrido pedaço de terra africano desde a dissolução e perda dos reinos Mwenemutapa (Zimbábue, até séc. XVIII) e Gaza do Império Marave (Norte, até séc. XVIII) para os colonizadores europeus¹. Sem sombra de dúvida, foi o mais agitado e interessante. Os moçambicanos reencontraram-se com o país e com o mundo ao mesmo tempo: milhares de militares, policiais e civis dos quatro cantos do planeta contribuíram para essa grande virada, como componentes da Operação das Nações Unidas em Moçambique, a Onumuz, missão que ajudou a organizar as primeiras eleições multipartidárias livres de Moçambique.

O presidente Joaquim Chissano, da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique, no poder desde a independência, em 1975), saiu-se vitorioso dentre doze candidatos (ver quadro). As urnas mostraram que a Frelimo — que liderou a luta pela independência do país do colonialismo português — continua com o apoio da maioria da população. Porém, vai ter que dividir o poder político com a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), liderada por Afonso Dhlakama, movimento que enfrentou a Frelimo com as armas durante décadas e, após um delicado e longo processo de negociação, aceitou se



Fotos: Pedro Sutter

Jovem mãe moçambicana: um discreto sorriso volta a iluminar o rosto da nova geração

transformar em partido político e disputar o poder nas urnas.

A expectativa da opinião pública em relação às eleições era grande. E, seis meses após o anúncio dos resultados, pode-se dizer que nem tudo foi fácil para Chissano. Logo após a posse, em 8 de dezembro de 1994, houve um impasse na eleição do presidente da Assembleia Legislativa. O cargo era reivindicado pela Renamo, mas finalmente foi ocupado por Eduardo Malembwè, representante da Frelimo, que detém a maioria das cadeiras no Legislativo, enquanto os três vice-presidentes foram indicados pelos partidos representados na Casa – Frelimo, Renamo e UD (União Democrática). A Renamo não compareceu à primeira sessão da Assembleia, obstruindo temporariamente a votação do Orçamento deste ano.

Logo em seguida, Chissano indicou ministros oriundos em sua totalidade dos quadros governamentais, como Pascoal Mocumbi no cargo de primeiro-ministro e Manuel António para o Ministério do Interior. O ministro não tem bom trânsito em Maputo junto à opinião pública, que o responsabiliza pela crescente onda de violência na capital do país.

Chissano também sofreu considerável desgaste pela indicação de governadores de sua confiança para três das cinco províncias onde a Renamo foi vitoriosa – Sofala, Zambézia e Nampula –, por sinal os únicos que substituíram os anteriormente no cargo. “Se nomeasse governadores da Renamo provocaria uma divisão do país”, justifica-se.

Dhlakama criticou duramente tal



Liberdade de expressão: candidata a deputada pela Frelimo em plena campanha eleitoral em Sofala, berço da Renamo, principal partido de oposição

atitude, afirmando que o Centro e o Norte querem mudanças significativas: “Chissano optou por manter a mesma Frelimo e as mesmas caras quando o povo quer mudanças. E como presidente vai assumir as consequências.”

De fato, as eleições mostraram uma clara polarização entre a Frelimo e a Renamo, já que os pequenos partidos que surgiram em função da campanha eleitoral caíram no esquecimento. Salvo algumas poucas figuras de expressão – como Máximo Dias, “o candidato didático”, da Aliança Patriótica, que tem um espaço de atuação próprio –, para o restante desses novos quadros sobra só acompanhar o comportamento da União Democrática, fiel da balança na Assembleia Legislativa.

O problema dos desmobilizados – Muitos moçambicanos se mostram decepcionados com o processo de desmobilização. Mas, como 85% da popula-

ção vivem da agricultura – *no mato*, como se diz no país –, e as chuvas voltaram a cair regularmente na região centro-norte, plantar passou a ser a maior preocupação.

Já para os que possuem certo grau de escolaridade, como os milhares de jovens ex-brigadistas que participaram – heroicamente – de todo o processo de organização das eleições, o jeito é encontrar um trabalho em alguma organização não-governamental, como os motoristas Abibo Mamede e Carlos Roseta, da Beira, ou estudar muito e tentar uma vaga na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, o sonho de quase todos os jovens moçambicanos. “Perdi seis anos da minha vida na tropa; agora eu estou voltando a estudar para cursar Economia”, diz o soldado desmobilizado Antonio (sobrenome omitido a pedidos), também da Beira.

A grande dor de cabeça tanto para o governo quanto para a Renamo, sem falar na população em geral, é o destino dos soldados desmobilizados. Eram 49.638, numa proporção de dois da Frelimo para um da Renamo, que passa-

Ponte ferroviária D. Ana, principal corredor de exportação do vizinho Malawi e do carvão produzido na região moçambicana de Moatize. Destruída durante a guerra, uma firma norte-americana tentou reconstruir parte dela, em janeiro último, sem sucesso

ram pelos Centros de Acantonamento das Nações Unidas. Os planos originais estimavam em 30 mil recrutas para as FADM (Forças Armadas para a Defesa de Moçambique), mas no final de 1994, pouco mais de



Aldo Ajello

11.700 soldados aceitaram continuar empunhando armas, enquanto a maioria voltou para suas famílias ou *machambas* (hortas).

Mas nem todos os milicianos optaram pela vida civil, se é que realmente tiveram escolha. Em junho de 1994, ficou famoso o bloqueio da entrada de Dombe – quartel-general da Renamo na província de Manica –, no distrito central de Chibabava, Sofala, na estrada mais importante do país, protagonizado por ex-soldados.

Naquela ocasião, cerca de 300 pessoas ficaram retidas durante cinco dias – incluindo o chefe dos militares da Onuzo para a região central e diversos policiais estrangeiros. Os desmobilizados reivindicavam alimentos e o dinheiro prometido pela Renamo ou pela ONU, que costumava atrasar – quando não era desviado numa média de 10% pelos próprios oficiais superiores encarregados da distribuição, segundo fonte da própria Nações Unidas. Na grande maioria destes casos, porém, os desmobilizados não ostentavam armas.

Criminalidade – Outros ex-solda-



Mangunde, onde Dhlakama nasceu. Do antigo colégio, só restam escombros

dos formaram grupos de *ninjas*, comandados armados que assaltam comerciantes e ônibus de passageiros nas áridas estradas moçambicanas. Eles também atuam nas capitais provinciais – principalmente Maputo – onde o índice de assaltos e roubos a mão armada atingiu proporções alarmantes. Em março último um diplomata angolano e dois russos tiveram seus carros roubados

em assaltos a mão armada em pleno Sommerschild, o bairro elegante da capital. A Polícia de Intervenção Rápida recuperou os veículos, mas a população em geral sofre com a onda de violência.

O mais famoso grupo paramilitar é o dos “Naparamas”, constituído de ex-guerrilheiros que durante os enfrentamentos combateram a Renamo ao lado

Os números das eleições

População estimada: 15.000.000

Eleitores recenseados: 6.148.842

Total de votos para presidente: 5.405.836 (88%)

Total de votos para Assembléia Legislativa: 5.405.611

TOTAL DE VOTOS (presidente):

1°. Joaquim Alberto Chissano: 2.633.740 (53,30%)

2°. Afonso Macacho Marceta Dhlakama: 1.666.965 (33,73%)

3°. Wehia Ripua: 141.905 (2,87%)

4°. Máximo Dias: 115.442 (2,34%)

5°. Carlos Reis: 120.708 (2,44%)

TOTAL DE VOTOS (eleições legislativas, onde estavam em disputa 250 cadeiras)

1°. Frelimo: 2.115.793 (44,33%) 129 parlamentares

2°. Renamo: 1.803.506 (37,78%) 112 parlamentares

3°. UD (União Democrática: Panamo, Palmo e

Panade): 245.793 (5,15%) 9 parlamentares

4°. AP (Aliança Patriótica): 93.031 (1,95%)

5°. SOL (Partido Social-Liberal e Democrático): 79.622 (1,67%)

PROVÍNCIAS E PARTIDOS:

1. SUL

Maputo (capital – 90%), Maputo, Gaza (97%) e

Inhambane: Frelimo

2. CENTRO

Sofala e Manica (Corredor da Beira – 80%), Tete e

Zambézia (60%): Renamo

3. NORTE

Nampula (mais populosa – 55%): Renamo

Cabo Delgado, Niassa: Frelimo

Participantes do processo eleitoral: 100 mil pessoas

Orçamento: US\$ 63 milhões (US\$ 26,2 milhões da

União Européia)

Treinamento do pessoal: US\$ 4,5 milhões.

Gasto por cidadão: US\$ 11,5

Fontes: CNE/Pnud

das forças governamentais. Dizendo-se "com o corpo fechado a balas" após terem tomado certa poção tradicional, costumam atacar transeuntes em Nampula e Zambézia, as duas províncias mais populosas de Moçambique. Sua atuação mais espetacular foi durante o recenseamento eleitoral, quando entraram na capital da Zambézia, Quelimane, disparando a esmo rajadas de metralhadora.

Em Moçambique toda morte, assalto ou crime hediondo é atribuído aos *ninjas* e, sem confiança na PRM (Polícia da República de Moçambique), a população continua fazendo justiça com as próprias mãos. Um pneu, combustível e um fósforo vingam os pobres e indefesos em plena praça pública.

É notório que ainda existem esconderijos de material bélico, mesmo obsoleto e enferrujado, em várias regiões do país, constituindo-se num motivo a mais de inquietação dos moçambicanos, que responsabilizam a Onumoz pelo trabalho incompleto. As minas, porém, são o grande perigo para a volta ao campo. Já fizeram incontáveis vítimas e transformaram-se num grande negócio para as mesmas firmas que as colocaram, que hoje sugam boa parte dos recursos internacionais na operação de desmontagem das minas.

O general Aldo Ajello, chefe das forças da ONU em Moçambique (ver entrevista nesta mesma edição) aceita as críticas, mas defende a atuação da Onumoz, afirmando que não se poderia desmobilizar, desarmar e desmontar as minas completamente em apenas dois anos de mandato da ONU.

Dhlakama em ação – Nestes primeiros meses de governo constitucional, Afonso Dhlakama usa o seu tempo para garantir um lugar no terreno político. A idéia de fazer da poeirenta Maringue sua "nova capital" não deu certo. Perdida no centro da província de Sofala, a aldeia – cujo subsolo é rico em pe-

dras preciosas e minerais – ainda é o quartel-general militar da Renamo, porém o líder da oposição montou base em Quelimane, onde obteve maior apoio eleitoral. Ainda assim mantém uma residência em Maputo, "casa do inimigo", e sua mansão de US\$ 300 mil em Cascais, Portugal.

Sempre atento à sua imagem no exterior, em março último Dhlakama viajou para a Europa, quando Moçambique negociava a obtenção de recursos destinados a financiar 60% do Orçamento de 1995. A Renamo também participou das negociações.

Mas Dhlakama não pode descuidar dos assuntos internos: em março último, no seu primeiro congresso pós-eleições, a Renamo ouviu muitas críticas dos mili-



Mulheres à beira de um poço seco em Chibabava, Sofala. Chuvas recentes atenuaram a seca no centro, mas no sul a situação é desesperadora

tantes jovens aos seus quadros. Já durante a campanha eleitoral, os jovens, reunidos na Liga da Juventude, decidiram buscar um caminho próprio, insatisfeitos com os rumos tomados pelo partido.

Protestos de rua – Nesse quadro, as maiores expectativas estão no comportamento da população que, com os debates promovidos durante a campanha, levou um banho de consciência, exigindo agora melhores condições de trabalho e uma chance para viver de forma decente.

Nesse sentido, são representativos os resultados de uma pesquisa feita em outubro pelo instituto brasileiro Vox Populi – responsável pela propaganda política da Frelimo

–, que revela o descontentamento dos moçambicanos com os serviços públicos (entre 70 e 90% da população os considerava insatisfatórios).

Também significativo foi o motim que abalou Maputo em 3 de outubro, quando a população em massa se revoltou contra o aumento do *chapa-100*, o transporte público local, que passaria de 500 a 1000 meticais (US\$ 0,15). Para quem ganha 80 mil meticais (US\$ 12) de salário mínimo ao mês e outro tanto em pequenos serviços, o aumento era um acinte. O governo acabou voltando atrás.

A busca por recursos externos – Após a torrente de dólares da Onumoz, que redundaram em milhares de empregos diretos ou indiretos, o momento é de

ressaca. Quando perguntados sobre o futuro econômico do país, alguns moçambicanos de nível superior, como Latifah, educadora cívica da Beira, e Carlos, cinegrafista da RTP (televisão portuguesa) afirmam, para espanto de muitos, "que sempre há de vir dinheiro das ONGs".

Mas, num momento de retração das verbas destinadas pelo Norte à cooperação internacional, será preciso muito *lobby* por parte das ONGs que trabalham em Moçambique para conseguir ajuda

externa para a reconstrução.

O norte-americano Ricardo Dueñez, diretor da organização não-governamental Africare, que atua na recuperação de postos de saúde em Sofala, e sua esposa, a professora Lisa, que desenvolve projetos na área de educação, observam que a longa guerra e o posterior processo de reorganização coordenado pela ONU fizeram com que os jovens perdessem a noção da necessidade de *ir à luta*. "Querem tudo de bandeja", reclama Lisa.

Os principais esforços das ONGs – como a Médécins Sans Frontières (Médicos sem Fronteiras), há dez anos no país – são voltados prioritariamente para as vítimas de guerra: crianças abandonadas e mutilados.